

Q'UQE KCNKUO Q'E QO Q' CNVGTP CVK&C'I NQDCN¹

Pablo González Casanova²

Gostaria de pensar na crise do socialismo e dos países socialistas a partir do Terceiro Mundo. Pensar no socialismo como alternativa global a partir dessa zona terrestre, ao final do século XX e alvorecer do XXI.

Quando se analisa o processo de "reconversão" dos países de "*orientação socialista*" do Terceiro Mundo nota-se claramente que na imensa maioria deles mudam os objetivos centrais do desenvolvimento. A crise do "socialismo real" na União Soviética e nos países do Leste Europeu afetou gravemente seus projetos de crescimento com justiça social e com soberania comercial ou financeira, assim como uma distribuição da inclusão, uma estratificação e um desenvolvimento social relativamente mais equitativos que os dos outros países do Terceiro Mundo.

A restauração do capitalismo dependente e neoliberal vai muito além e não vem apenas de fora. Muda abertamente o objetivo central de uma "futuro sociedade igualitária" e o da própria libertação, ainda que os planos de desenvolvimento e mesmo o mercado sejam controlados por monopólios que são outra vez os beneficiários diretos da acumulação. E mais, as relações sociais de produção e de domínio se reconstituem com o novo tipo de autoridade neocolonial-associada, ou de Estado supranacional, representado - entre outros - pelo Fundo Monetário Internacional. O fenômeno não é pouco comum. Se em Cuba a dívida externa (nos anos 90) correspondia só a 20% do produto nacional, em

¹Traduzido do espanhol por Edison Bariani Júnior. Mestrando em Sociologia - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 - Araraquara - SP - Brasil.

²Universidade Autônoma do México - UAM - México - DF.

Angola alcançava 55%, em Moçambique 62%, na Tanzânia 67%. Algo semelhante ocorre nos outros 16 países subdesenvolvidos que eram conhecidos como de "orientação socialista". Na maioria deles - como nos do CAME³ - o endividamento externo impõe as "políticas de ajuste" a que obrigam as "cartas de intenção" e os "convênios" com o FMI.

Com resistências ou aceitações variadas, por pressões diretas do Fundo e do Banco Mundial - ou das próprias burocracias e "burguesias" associadas - e inclusive por pressões ou insinuações da União Soviética - em seus últimos anos -, os países de "orientação socialista" do Terceiro Mundo aplicam uma política que em todos os casos parece significar renovação da dependência e do capitalismo periférico neoliberal. Se nos Estados antes populistas essa política corresponde ao abandono dos projetos de "desenvolvimento nacional independente", com cessão dos processos de acumulação à burguesia transnacional e associada, nos países antes chamados de "orientação socialista" corresponde também ao abandono prático do projeto de acumulação socialista e à *mudança de classe dominante ou de bloco dominante*, que buscou se basear no povo trabalhador como eixo do caminho ao socialismo. O novo "bloco" corresponde à associação de muitos funcionários - que antes se diziam marxistas-leninistas - com as burguesias locais e transnacionais. Os "camaradas empresários" tornaram-se "homens de negócio" e "funcionários modernos".

Mesmo que o socialismo de Estado, segundo observou Worsley, "proponha-se a elevar os níveis de vida como seu objetivo prioritário", as *políticas de ajuste* fazem do pagamento do serviço

³ Em espanhol: Conselho de Asistencia Mutua Económica, organização internacional fundada em 1956, reunindo os países de "orientação socialista" dos vários continentes (União Soviética, Bulgária, Alemanha Oriental, Cuba, Mongólia, Polónia etc), com o objetivo de intensificar as relações de troca entre esses países: espécie de "mercado comum" entre países não-capitalistas. Após as quedas dos vários regimes vigentes nesses países, ficou no ostracismo. Também conhecido como COMECON ou, em inglês, CMEA (Council for Mutual Economic Assistance) (n.t.).

da dívida externa um objetivo tático, e da restauração dos capitalismo e da dependência o objetivo estratégico. A mudança estrutural advém com a reorientação de todas as medidas econômicas para a acumulação de capital privado associado e transnacional, e com *a transformação do trabalho em mercadoria barata* para os proprietários dos meios de produção.

Se nem todos os países chamados de "orientação socialista" se encontram ao final de tão dramático processo, *todos* os que negociam com o FMI recebem e aceitam, de bom ou mal grado, as conhecidas pressões de políticas neoliberais pelas quais "o estrangeiro" e "o capitalista"- esses personagens clássicos - retomam o controle essencial da economia. Escolhamos um exemplo: em Moçambique as desnacionalizações se dão desde 1979; em 1984 acaba o monopólio do Estado sobre o comércio exterior para benefício das companhias privadas; em 1986 liberaliza-se a legislação sobre inversões estrangeiras, e ainda se impõe um severo programa para a população, com uma desvalorização da moeda que alcança 420%, com novos impostos indiretos, com alta de preços de 200 a 400%, com reajuste de salários de somente 50 a 100%, e, por fim, com diminuição dos gastos sociais do Estado... Políticas semelhantes são adotadas nos demais países com governos populares ou socialistas, desde a Nicarágua - mesmo antes da derrota eleitoral - até o Vietnã. Todos esses países parecem destinados a perder a guerra econômico-social depois de haverem ganho a guerra no campo de batalha. "Somos excelentes generais do povo" - constatou surpreso o Comandante Tomás Borge - "e péssimos economistas". Na realidade a política que implementaram não se propôs nunca - com exceção de Cuba - ao manejo prático do excedente pelo povo e com prioridade para o investimento e o gasto social.

Hoje, no Vietnã, a "política de ajuste" leva à criação de empresas privadas, à ampliação de empresas agrícolas privadas, ao mercado livre" controlado pelos monopólios, à supressão das subvenções ao consumo, ao encolhimento do setor público e a uma legislação "muito liberal" com os investimentos estrangeiros.

Só Cuba estabelece uma "política de austeridade" que não muda nem dá sinais de mudar o caráter de classe da acumulação dominante, e que não transforma o trabalho da imensa maioria da população em mercadoria submetida ou por se submeter às leis de oferta e procura, ao capital. Talvez esse seja o aspecto mais odiado de sua rebeldia contra um império que a considera parte de sua zona de influência manifesta, que vê na fresta do mercado aberto ao turismo e ao mercado mundial um futuro de contradições que o povo-governo não poderá superar. O perigo é conhecido de todos os cubanos e enfrentado com preocupação e com êxito.

Em outros casos, o fenômeno do endividamento externo e interno, junto com as políticas de ajuste a que conduz, significa que não só se perdeu ou está prestes a perder o projeto socialista em muitos países periféricos, senão também o projeto de libertação ou o de soberania nacional frente aos grandes impérios e ao capital das grandes corporações.

Descobrir o que aconteceu e o que acontece torna-se difícil e é tarefa prioritária. Explicar e prever o que virá é aventurar-se num terreno que - não por temeridade - deixa, entretanto, de constituir uma preocupação muito extensa.

A política de restauração do capitalismo nos países "socialistas" desenvolvidos e subdesenvolvidos afeta todos os projetos de libertação, ameaça tanto o legado social e nacional do antigo "nacionalismo revolucionário" e "populista" como os governos que ainda tendem a fortalecer suas posições com bases trabalhadoras e populares. As contradições do socialismo autoritário e sua crise crescente debilitam de imediato os Estados e movimentos do Terceiro Mundo que receberam apoio da URSS, e de outros países que já se tornaram capitalistas ou que vivem a transição para o capitalismo totalitário na economia, na tecnologia, na política e no pensamento.

Muitos estados e movimentos populares do Terceiro Mundo - e não só os socialistas - sentem-se cada vez mais desamparados e, geralmente, entregues à própria sorte de uma forma que não

havam previsto. A ofensiva neoliberal aproveita e impulsiona as distintas contradições nas quais estão envolvidos. Entre essas contradições encontram-se as mesmas do "socialismo desenvolvido": a ausência de uma organização democrática das bases que controle o autoritarismo e a corrupção das burocracias; a falta - nos processos de democratização - da disciplina necessária para a luta contra as antigas classes expropriadas e contra o imperialismo; as enormes falhas no aparato produtivo, vitimado também pelo autoritarismo e pela corrupção, que acabam com qualquer "plano" e com o desenvolvimento econômico-social para as maiorias. A penosa situação também se vê expressa nas idéias autoritárias que embalam o "marxismo-leninismo" doutrinário, e que se adaptam a "políticas realistas" de cores locais, em mesclas ou saltos, que vão da "doutrina" mais abstrata à realidade mais extravagante, sem maior zelo epistemológico ou moral.

As contradições que ocorrem nos ex-Estados socialistas centrais aparecem nos países periféricos e em níveis de desenvolvimento econômico e social muito inferior. Não surge nas massas destes últimos a esperança de ocupar um local ao lado dos países mais avançados do capitalismo - como na Polônia ou Tchecoslováquia - mas certamente existem os mesmos elementos de fascínio pela sociedade de consumo que surgem na Europa do Leste e na Rússia; bem como naturais desejos de expressar novas idéias, interesses e sentimentos em formas que entram aos poucos em conflito com as condições econômicas e políticas objetivas ou com os dirigentes e seus hábitos de governar e expressarem-se. Inclusive Cuba, onde os sistemas de participação da população no governo se ampliam e são utilizados cada vez mais, sobretudo nas bases, e na qual a linguagem oficial representa em alto grau o interesse geral, surgem demandas difíceis de aceitar para a enorme rede dirigente do governo-povo: ou pelos perigos que representam na condição de cerco e acossamento que vive a Ilha - pense-se que esta se vê obrigada durante o "período especial" a trocar seus tratores por bois e seus automóveis por bicicletas -; ou porque correspondem a demandas minoritárias de um pluralismo político e uma alternância

de quadros que não são populares nem fáceis de implantar enquanto cresce o bloqueio dos Estado Unidos e já não existe a solidariedade do ex-mundo socialista; ou porque exigem uma informação, uma linguagem, uma liberdade de crítica e de pensamento muito plausíveis, mas que os meios governamentais do povo organizado não têm como ampliar sem debilitarem-se, ainda que, ao mesmo tempo, ampliem seus sistemas de consulta-decisão com as bases no conjunto do território nacional, e assim se fortaleçam.

O caso de Cuba merece uma atenção especial pela imensa capacidade de resistência que demonstra, o que tem dependido em muito da "habilidade do governo cubano e da sociedade cubana para responder às pressões internas para mudança" - que, com razão, reclamava Susan Jonas no início dos anos noventa. O governo e o povo mostraram uma consciência prática e criadora dessa necessidade. Mas precisamente por tê-la mostrado e porque não haviam mudado o conteúdo de classe da direção nem do trabalho, a ofensiva mundial, principalmente dos Estados Unidos, caiu sobre eles, e torna ainda mais difíceis as práticas democráticas e **martianas**⁴. Estas realizam-se de todos os modos numa forma verdadeiramente original que prioriza *a democracia como poder do povo e como diálogo do governo com o povo para a tomada de decisões consensuais*. Em vez de buscar a necessária democracia por meio de um sistema político de partidos - com um óbvio partido do povo e outro da restauração - foram criadas as condições práticas para construir **interfases dialogais** (participativas, representativas e decisórias) entre o povo e seu governo. Ao mesmo tempo, ampliou-se o discurso crítico e a análise-debate e assentaram-se as bases para o que mais tarde - no ano de 2000 - converter-se-ia no projeto de um País-Universidade. De fato, o processo criou uma "ilha de neguentropia"⁵ como as que queria Wiener. Cuba adquiriu as características de um país-

⁴ Refere-se a José Martí (1853 - 1895), revolucionário e escritor, um dos líderes do processo de independência de Cuba (N.T.).

⁵ "Neguentropia" é um termo que Norbert Wiener usa em seu livro *O uso humano dos seres humanos*. Corresponde à terminologia da cibernética. Significa um sistema que se estrutura para deter os processos autodestrutivos e destrutivos (N.A.).

complexo empresarial e de um governo-povo. De forma surpreendente pareceu converter-se num "sistema aberto", "autoregulado", "adaptativo" e criador, com uma democracia que decide sobre o uso do excedente, dando prioridade aos objetivos sociais. As palavras-atos de Cuba deveriam ser mais conhecidas, pois constituem a maior experiência histórica e cultural já feita nas práticas democráticas da resistência socialista e da organização de um país-governo, a fim de alcançar os mais altos níveis de coesão e de coerência ante um presente violento e um futuro incerto. Segundo Haroldo Dilla - um especialista conhecido por sua seriedade e espírito crítico - no início dos anos noventa;

Cuba experimentou por vários meses o debate público mais democrático de sua história. Milhões de pessoas em milhares de escolas, centros de trabalho e comunidades exerceram seu direito à crítica para propor soluções ou dar opiniões em assuntos que iam da vida diária à política pública. (1999)

Concebiam-se que a alternativa ante a crise era um mandato prático do povo. As mesas de debate "conduziram" a uma demanda por renovação profunda do sistema dentro dos marcos de um compromisso permanente com os valores sociais e os valores nacionais. Esse amplo consenso no pensar-fazer coletivo foi uma realidade que não só se confirmou em uma reforma da Constituição, que modificou quase 60% do documento original, mas também ao dar um importante papel de controle do território e do governo aos "conselhos populares" e não só ao partido. A principal prova de que esse acontecimento foi uma imensa prática democrática é a sobrevivência de Cuba e sua crescente recuperação, dentro de limites e contradições que não se ocultam nem se exageram, e que conta com o apoio renovado das bases, em meio ao bloqueio feito pelo país mais poderoso da terra. Colocar Cuba no banco dos réus pela "violação dos direitos humanos" é um ato de prestidigitação que causa estupor: os delinquentes aparecem como juizes e quem deveria ser juiz aparece como acusado.

Em outros países, desde Angola até o Vietnã, as contradições dos Estados socialistas subdesenvolvidos são imensas. Neles não se pode descartar a possibilidade de uma restauração neocolonial consentida, cujos custos seriam, sem dúvida, muito altos, e que retardaria ainda mais a luta por um socialismo democrático.

Em todo caso, a situação das forças democráticas e socialistas e a do projeto democrático e socialista no ex-Terceiro Mundo e no Mundo, parecem exigir a necessidade de uma tríplice luta ao nível global. PRIMEIRO: a defesa e solidariedade com os países e forças da Periferia do Mundo que mantêm projetos socialistas globais ou sociais - desde Cuba até Vietnã - e que lutam contra o imperialismo e a restauração, respeitando o fato de que será cada povo que regulará as características e tempos de sua própria e necessária revolução democrática e socialista. SEGUNDO: o apoio aos movimentos e organizações de base que na Rússia, na Europa do Leste e nos antigos "países de orientação socialista" lutam pela propriedade pública e social, pelos investimentos e gasto social, por um socialismo democrático e contra a ofensiva neoliberal do capitalismo e dos grandes monopólios privados. TERCEIRO: a luta *essencial e universal* contra a exploração dos trabalhadores e pela democracia, contra a exploração e a dominação das nações e pela democracia, contra a exploração das etnias e pela democracia; uma luta que se articula e que se dá contra uma ordem que acentua as desigualdades e irracionalidades no uso do excedente, que provoca e amplia a recolonização e a dualização econômico-social, a "exclusão" e mesmo o extermínio de populações "irrelevantes" ou disfuncionais ao sistema.

As três lutas parecem constituir o conjunto coerente de uma estratégia que defenda o socialismo de hoje como poder democrático e que promova a democracia socialista - como poder e como política. As três contêm um objetivo essencial que implica numa criação histórica: não postergar a democracia por temor à desestabilização e não perder o projeto socialista por conta do projeto democrático. Recriar a democracia desde as bases que organizam "o mandar-obedecendo" - erigido no México pelos

zapatistas - e que constroem a nova historia e ainda fortalecem a resistência mediante o dialogo e o consenso.

O jogo das palavras-atos contraditórios não terminou. Nos países do ex-Terceiro Mundo, a miséria e o terror que impõe a

restauração neoliberal logo acabam com as ilusões das massas - quando as têm -: para elas é impossível alcançar um futuro melhor com governantes subjugados pelos impérios. A restauração significa de imediato um regresso à exploração e à dominação do capitalismo periférico ou colonial, hoje refuncionalizado. A política de repressão tende a dominar frente à das negociações e, em pouco tempo, culmina em exploração acentuada da imensa maioria dos trabalhadores. O fenômeno se manifesta nas intervenções militares abertas e encobertas, nativas e estrangeiras; no incremento da tributação territorial, da dívida externa e do comércio desigual; e com a entrega de empresas e de riquezas naturais.

Os êxitos da contra-revolução liberal logo mostraram suas contradições no Leste da Europa e nos países do ex-Terceiro Mundo. Eles não só contribuem para a restauração do capitalismo mas também do colonialismo e do imperialismo, hoje transnacionais e globalizados. Recaem sobre o povo e os trabalhadores ao estilo do antigo colonialismo e do velho imperialismo, e repõem de imediato a necessidade de um nova luta pela libertação, pela democracia e pelo socialismo, como lutas contra a exploração da imensa maioria dos trabalhadores manuais e intelectuais, que, ao se reinserirem como mercadoria, recebem por igual trabalho e produtividade um preço menor que o de antes e menor que o de seus congêneres dos países centrais, com o agravante que - com relação a esses - a proporção dos excluídos, desempregados e subempregados é consideravelmente maior. A grande restauração afeta também os países centrais de forma crescente: com políticas de privatização e desregulamentação; reformulando seus sistemas internos de mediação, repressão e dominação; com políticas de competição - que arrocham salários - e de conquista de mercados com "guerras humanitárias" de bombardeios humilhantes e arbitrários, as quais são chamadas "operações de rotina",

aproximando-se assim da dinâmica que levou à Segunda Guerra Mundial.

Em todo caso, a situação internacional é incerta e talvez se torne, num futuro imediato, ainda mais favorável à contra-revolução liberal. Mas não se pode descartar que, nas lutas futuras, surja um novo movimento pelo socialismo, um movimento de caráter global no qual se juntem militantes oriundos da social-democracia, do leninismo e do nacionalismo revolucionário com os movimentos sociais emergentes que dão à luta pela democracia e pelo socialismo uma linguagem original e uma concepção enriquecida por essa dura experiência da qual falou Frei Beto: enquanto o capitalismo privatizou a propriedade e socializou os sonhos, o *socialismo realmente existente* socializou a propriedade e privatizou os sonhos.

Parece iminente - ou já está em curso - uma grande renovação do pensamento. A cultura das contradições de classe e à análise renovada do que corresponde hoje ao capitalismo juntar-se-á uma nova cultura das contradições do próprio socialismo real, e, nesta, destacar-se-á o que corresponde à política dos ideais que acumula forças - ao invés da que se reduz a uma mera política de clientelas ou de grupos - e à micropolítica de muitos que vivem diariamente o ideal como real, e ambas como valores a recriar e a articular. Também impulsionar-se-á no novo projeto - segundo tudo indica -, um desenvolvimento especial da análise dialética e de classes, sem necessidade de legitimar-se pelo pensamento dos líderes e dos clássicos. Será uma análise histórica e empírica do socialismo como alternativa política contraditória, que superará seus limites anteriores e atuais por meio de gerações que têm um grande legado teórico e científico, assim como novas experiências e novas esperanças.

Em todo caso, desde as mais diferentes posições geográficas e ideológicas, o projeto socialista é vislumbrado hoje como multidimensional e como global.

Ou a luta pelo socialismo é vista como luta pela democracia e também pela libertação, ou tal concepção será muito pobre. A luta pelo socialismo, a libertação e a democracia têm que ser

concebidos para além do eurocentrismo clássico ou do provincianismo terceiro-mundista, como projeto realmente mundial que exige o esforço de entendê-lo a partir do Sul e o esforço de rechaçar qualquer idéia implícita de uma *democracia colonial* ou de um *socialismo com colônias*, quer dizer, de rechaçar o tipo de idéias que muitas vezes não explicitou o pensamento social-democrata, socialista e comunista.

O legado do século XIX permite hoje saber que não é possível uma luta mundial pelo socialismo sem lutar também contra o colonialismo e o imperialismo. O legado principal das experiências do século XX é que não é possível a luta pelo socialismo, e também pela democracia, sem que essa luta seja mundial.

Hoje, em todo o globo terrestre, a prioridade que a nova história coloca é a da luta pela democracia como poder e política e, a partir desta, pela libertação e pelo socialismo. As três constituem - no que diz respeito à autodeterminação dos povos - a única alternativa para a sobrevivência do mundo.

Referências Bibliográficas

DILLA, Haroldo. Comrades and investors: the uncertain transition in Cuba. In: MILLIBAND, R.; SAVILLE, S. (Ed.). *Socialist Register*. Londres: [S.n.], 1999, 227-47.

JONAS, Susan. *Central America in the balance*, prospect for the 90s. 1990, mimeo.

WIENER, Norbert. *Cibernética e sociedade*. São Paulo: Cultrix, 1968.

WORSLEY, Peter. One world or three? A critique of the world-system theory of Immanuel Wallerstein. In: MILLIBAND, R.; SAVILLE, S. (Ed.). *Socialist Register*. Londres: [S.n.], 1999.

RESUMO: Tendo como pano de fundo a crise dos países de "orientação socialista", o autor propõe pensar um novo projeto socialista, global, a partir do que no passado foi chamado Terceiro Mundo; como exemplo, utiliza a experiência cubana de resistência ao capital e o avanço em direção a um socialismo democrático.

Estudos de Sociologia

PALAVRAS-CHAVE: socialismo, democracia, imperialismo, revolução, contradições, Terceiro Mundo, Cuba.

ABSTRACT: Having as a background the crisis of the countries of a 'socialist orientation', the author of this paper tries to present a new globalizing socialist project, from what in the past was called Third World. As an example, he uses the Cuban experience of resistance to the capital as a step forward towards a democratic socialism.

KEY WORDS: Socialism, democracy, imperialism, revolution, contradictions, Third World, Cuba.